

Algo fora da horda

“Preliminares lacanianas ao trabalho com grupos”♦

Lourenço Astua de Moraes
Marcus André Vieira
Ondina Maria Rodrigues Machado

Publicado como ASTUA, L. ; MACHADO, O. M. R. ; VIEIRA, M. A. . Preliminares ao trabalho com grupos de coordenadas lacanianas. Revista de Psicologia Plural, Belo Horizonte, v. XV, p. 119-134, 2007.

Introdução

Apresentamos, aqui, um esforço de formalização a partir do trabalho com grupos no Projeto DIGAÍ - Maré, desenvolvido pelo Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro (ICP) juntamente com a Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-Rio). O trabalho teve início em março de 2005, graças à parceria com o CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, ONG instalada na Maré desde 1997, que se dedica a projetos nas áreas de educação, cultura, trabalho, comunicação e memória.

A favela da Maré figura no imaginário carioca como uma imprecisa e extensa área de precariedade e exclusão, povoada por cruas cenas de violência e pobreza. Já o bairro Maré é um dentre os tantos do município do Rio de Janeiro. Composto por 16 comunidades, totaliza 132.176 pessoas e constitui a mais populosa área favelizada do Rio. O bairro, que tem 94% de suas crianças na escola deve sua fama, muito provavelmente por sua localização no entroncamento das três principais vias de acesso ao Rio, uma vez que seus índices são comparáveis aos de tantas outras favelas do município (CENSO CEASM-2000).

O projeto, além de atendimentos individuais, oferece um dispositivo de atendimento coletivo como forma mais geral de trabalho e conta com o suporte de reuniões clínicas gerais, setoriais e de seis supervisores *ad hoc*. O DIGAÍ recebe crianças, adolescentes e adultos dessa comunidade, em sua maioria encaminhados por professores e assistentes sociais ligados ao Programa de Criança do CEASM que acompanha alunos em dificuldade na escola.

Este trabalho se insere na perspectiva da psicanálise aplicada (MILLER, 2001), mas tem como motivação direta o recente incremento de pesquisas sobre a aplicação da psicanálise em dispositivos não-standards, promovido pelo Campo Freudiano. Sob esse aspecto, o tipo de trabalho com grupos que desenvolvemos se propõe como um dispositivo duplamente alternativo, tanto em relação ao atendimento individual quanto ao consultório particular.

Este dispositivo deve ser diferenciado daquele empreendido em grupos monossintomáticos, pois, como veremos a seguir, nossa proposta de grupo não parte de um sintoma social como marca identificatória de entrada.

Identificamos, sobretudo, em nosso trabalho uma aproximação com o que tem sido descrito como “prática de vários” ou “prática feita por muitos”, em que desenvolve-se um tratamento psicanalítico para casos de psicose em instituições do campo da saúde mental a partir de um trabalho coletivo orientado pela psicanálise (DI CIACCIA, 2005).

♦ Este texto deve quase tudo que avança às ricas discussões teórico-clínicas da Equipe do Projeto Digai Maré: Andréia Reis, Andréia Rollo, Ana Lúcia Lutterbach Holck, Franciele Almeida, Isabel do Rêgo Barros, Karina Sobrinho, Katja Linnemann, Maria Novaes, Mariana Martins, Marícia Ciscato, Maritza Garcia, Rodrigo Lyra, Sandra Viola, Tatiane Grova, Teresa Pinheiro e Vânia Gomes.

Assim sendo, passamos a apresentar as bases conceituais que nos autorizam a trabalhar com um dispositivo coletivo dentro da orientação lacaniana, o qual nomeamos IATO – Inconsciente em ato.

Coordenadas conceituais

“Sujeito” tem sido muitas vezes a bandeira do psicanalista para qualificar sua especificidade. “Clínica do sujeito”, “ouvir o sujeito” propõem-se como lemas que definiriam a ação do analista. Resta saber o que se está chamando de sujeito. Se com esse termo entendemos algo próximo a “indivíduo”, estaremos apenas propondo uma outra maneira de humanizar as práticas terapêuticas. Trata-se de trabalho altamente meritório quando, em dias como os nossos, estas práticas tendem a se apresentar tão tecnologicamente assépticas. Porém, a partir de Lacan, a especificidade da psicanálise se situa com relação a um sujeito inapreensível e evanescente, um espaço vazio entre as determinações culturais do Outro que nos constituem. Neste caso, ele não poderá ser pensado sem sua contrapartida lógica, o objeto.

O objeto *a* lacaniano é, como tudo que se possa imaginar, do Outro¹. No entanto, apresenta-se como se dele não fizesse parte. Tal como a placenta que da mãe parece ter sido arrancada, o objeto *a* parece, ele, ter sido arrancado do Outro (LACAN, 1964a, p. 859). Ele é então duplamente paradoxal: é do Outro – apesar de não parecer – e está perdido, desde sempre. Pois bem, é a extração desse objeto que permite a constituição do sujeito. Isso se explica a partir da necessidade de algo ter que faltar ao Outro para que, exatamente nesse furo, se situe aquilo que do falante é seu ser real. É o que indica Lacan com relação ao que denomina “separação”, tal como a define em seu seminário sobre os quatro conceitos da psicanálise, onde a interseção da falta no lado do sujeito com a falta no lado do Outro tem como resultado o objeto *a* (LACAN, 1964b, p. 203).

Deste modo, o objeto *a* é parte do Outro, mas não como um elemento ou uma coisa. Ele é um nada, a parte ‘conjunto vazio’ do ser, e justamente por isso, o que, por excelência, é destacável do Outro. É no lugar onde o vazio do Outro recobre o vazio do sujeito, que surge o objeto *a* como resposta a essa dupla vacância. Por isso podemos dizer que neste espaço sem imagem e sem palavra, se localiza o coração do sujeito, o seu osso, aquilo que do gozo está sempre além do alcance da nomeação.

De modo análogo, no coração do corpo social, localiza-se um furo. É o que delinea o mito freudiano da fundação da sociedade. Um pai primitivo, assassinado por seus filhos, funcionará como fantasma que sustenta um pacto fundamental: todos, reunidos em torno de uma renúncia ancestral ao gozo, constituem o que chamamos de cidadania: um lote cotidiano de direitos e deveres, uma liberdade que vai até onde começa a liberdade do próximo etc.

O pai só é, morto, ou, como afirma Freud, só se faz presente nos filhos “pela nostalgia” (FREUD, 1913a, cap. IV). Ora, uma análise desvela exatamente este furo, no coração do Outro (LACAN, 1969-70, p. 90). Este desvelar tem efeitos terapêuticos – uma possível liberação do sujeito das figuras autoritárias de Pai, por exemplo, que o alienavam. Revelar no lugar do Pai um furo, no entanto, não leva à inconsistência do Outro, ao contrário, reforça sua solidez, já que, tal como o corpo social dos irmãos, ele só consiste porque há furo. O Outro para Freud só é Todo, no sentido de um ser totalizável, que se apresente, por isso mesmo, como solidez corporal, se, em si, apresentar um furo.

Mas uma análise não se limita a esta operação, o que a condenaria à lenta e estóica assunção da falta como seu horizonte final. Essa é uma importante etapa, mas não a conclusão. Liberado da identificação com o significante do Outro, o essencial do trabalho

analítico se completa em um segundo movimento, quando no lugar do furo se materializa este objeto peculiar chamado por Lacan de objeto *a*.

De fato, o objeto *a* pode, eventualmente e em circunstâncias especiais, reingressar no Outro, entrar em cena e tornar-se visível ou ameaçadoramente próximo. Esta apresentação, porém, tende a eclipsar o espaço subjetivo constituído a partir da extração do objeto, por instaurar a possibilidade de que o Outro se torne completo. É isso o que a angústia, como “falta da falta”, ensina (LACAN, 1962-63, p. 52).

A apresentação do objeto não traz à cena o Todo, mas sim o *nãotodo* (LACAN, 1972-73, cap. VII). Íntimamente relacionado ao Todo, o *nãotodo* é a delimitação lacaniana da alteridade de um Outro completo, sem furo, sem limite - exatamente o plano de presença do Outro experimentado na angústia.

Desejante, apresentando-se como submetido a uma falta irreparável, o Outro paradoxalmente será um Todo. É a mãe que ama seu filho, mas que sempre localiza em outro lugar algo a mais que lhe falta (e que costumamos chamar de Pai). Já a mãe, que se apresenta à criança como completa é um Outro angustiantemente *nãotodo*, por estar em todo lugar, sem totalização possível. Criança e mãe tendem à fusão imaginária, donde a angústia.

O paradoxo inerente ao *nãotodo* é que, por não se constituir a partir de um furo, situa-se como inconsistente, o que de certa forma o faz mais disforme e onipresente. Assim, o Outro *nãotodo* é um Outro fluido e sem corpo, mas onipresente e insaciável (cf. VIEIRA, 2004).

Revelar o furo do Outro só se relaciona à operação analítica se ali estiver embutida a materialização daquilo que apaga o furo, pois é com relação a este resto, sede da angústia, que se dará a possibilidade da reinvenção de um Outro. Uma análise não caminha em direção à “todização” do Outro. Ela tem em seu horizonte a possibilidade, para o sujeito, exatamente de tornar suportável sua inconsistência (LAURENT, 2004, p.22). Nessa perspectiva podemos dizer que se chega, em uma análise, ao fim do Outro (como Todo) e que sua “recriação” se fará tão somente a partir de um fiapo de Outro, resto das identificações de entrada.

Grupos

Porque nosso trabalho fez a opção pelo grupo? No contexto das ONGs, da brecha entre o público e o privado conhecida como “terceiro setor”, imperam dispositivos coletivos de intervenção. A opção por esta forma de trabalho deveu-se, assim, ao cuidado em nos apropriarmos do que já existia no campo, evitando romper bruscamente com um modo de funcionamento já estabelecido. O ponto de partida foi, assim, acolher as circunstâncias e seguir os endereçamentos prévios à instalação do discurso analítico.

Uma segunda razão foi a hipótese de trabalho, tecida ainda no desconhecimento do que iríamos encontrar, de que estaríamos provavelmente diante de um ambiente de tal inconsistência do Outro que o apoio tradicional no Todo, assim como no desejo de saber e na suposição de saber que dele decorrem, estariam bem pouco à mão. Seguimos, aqui, a tese de J. A. Miller sobre a prevalência da estrutura do *nãotodo* sobre o Todo como forma de delinear o estado atual da cultura (MILLER, 1996-97, p.76).

Um grupo costuma ser uma resposta à falta de consistência do Outro. Ele se oferece como modelo de Outro consistente. Para tanto ele precisa ser furado, pois apenas assim será solidamente apaziguador. Este furo, no entanto, precisa ser velado, pois, caracterizado como tal, traz consigo a possibilidade de encontro com o objeto que ali se aninha e acena com o desvelamento da miragem de completude sobre a qual se assentava o grupo. Os grupos costumam, assim, se organizar, a partir das duas formas de identificação propostas por Freud, em duas tendências: 1- dão peso ao líder, ou seja, escamoteiam o furo com uma hipertrofia

imaginária do ideal; 2- reforçam o “democrático” laço horizontal fraterno, esvaziando o lugar do líder (que mantém-se apenas como furo). Retirando-o de cena (FREUD, 1921, p. 145 e 158).

No primeiro caso, ocupar o lugar do líder pode ser viável para destituí-lo, fazendo valer ali o furo para cada um dos integrantes do grupo. No segundo caso será preciso localizar, entre os irmãos, o fantasma do pai, lugar do furo. Em ambos os casos, no entanto, a instauração de um vazio no lugar do Outro terá um alcance clínico limitado pelo próprio grupo. Se, de fato, uma tal instauração fará com que grupos compactos e homogêneos demais se tornem mais vivos, os imaginários se tornem mais maleáveis e os hierarquizados permitam novidades criativas, os elos que definem o grupo enquanto tal serão reforçados, isto é, menor será a possibilidade que seus integrantes, identificados *no* e *com* o grupo, possam produzir “falas de sujeito”, em que apresentem-se os disruptivos efeitos de surpresa do inconsciente.

Notemos que, em ambos os casos, partimos de um pressuposto: a prevalência do Todo sobre o nãotodo. Não poderíamos, porém, supor um outro tipo de funcionamento grupal, que por abuso de linguagem chamaremos de nãotodista? Nele, a estrutura do nãotodo poderia prevalecer sobre a do Todo? O que pensar destes grupos “nãotodistas”? (MILLER, 2002, p.17).

Assimilaremos estes grupos àqueles descritos por Laurent como formados por identificação com um “traço de gozo” (LAURENT, 2000). Esta é uma expressão paradoxal, pois um traço identificatório, um nome próprio por exemplo, é justamente a marca de uma perda de gozo (identificado como fazendo parte de uma família, por exemplo, submeto meu gozo às prescrições do clã).

No entanto, esta marca, S1 na álgebra lacaniana, não é apenas letra morta. Ela é o registro de um gozo originário (do Pai, no caso da horda primitiva freudiana), que se tornou agora objeto de recalque original, *a*.

A inversão de prevalência Todo/nãotodo, traduz-se, então, na formalização de Lacan, como uma inversão entre S1 e *a*. Onde normalmente se encontrava um nome que ditava o acesso a um gozo, temos agora um gozo que faz função de nome próprio. Se nos dois casos o gozo será localizado, limitado, pois de outra forma a vida seria impossível. No entanto, o contexto geral terá, no entanto, sido sensivelmente mudado.

O grupo nãotodista fará do gozo seu ponto de união: seus membros têm como identidade um modo de gozo – drogas, comida, amor, etc. – que se globaliza e atinge os mais distantes rincões. É o fundamento dos grupos de ajuda mútua. Sua constituição se funda na passagem do gozo à coisa pública. O que no regime do Todo era privado, secreto, íntimo, no nãotodismo é anunciado. Sua publicação e republicação é justamente a possibilidade da coletivização de um gozo, a princípio, singular. É a garantia de que este gozo persista operando como traço, já que não poderá se beneficiar da presença sobrenatural de que goza um morto. A Internet, acéfala e virtual, aparece então para nós como exemplo paradigmático desse Outro nãotodo: nela, novas redes, sites, comunidades e fórum são diariamente criados; nela, tudo, independentemente do seu estatuto legal, pode e é mostrado.

Em tempos de *pastout partout* (MILLER, 1996), de nãotodo generalizado, a questão se coloca: devemos trabalhar para “todizar” o grupo? Dar lugar ao furo pode ter efeitos terapêuticos certos, mas pode trabalhar no sentido contrário do real que nos dirige por levar ao aumento da consistência do grupo. Se o objetivo é poder suportar a inconsistência do Outro e não construir para si um Outro consistente (apesar de flexível), ao modo de um déspota esclarecido, pouco adiantará que o analista banque o morto. Reforçar o lugar do furo como vazio reforçará o grupo ao entronizar o Pai morto.

Para que este lugar seja o lugar de um furo aberto, ferida viva no corpo recém constituído do grupo, será preciso não apenas localizar o não-saber, aquilo que faz valer o furo, como também o objeto, aquilo que faria furo para esse ou aquele sujeito. É o que esperamos que nosso trabalho nos IATOs possa promover.

Neste sentido, a equipe do DIGAÍ elaborou a seguinte proposta, cujas feições estão inteiramente em curso de elaboração, mas que tem nos servido como base para o trabalho:

Proposta para a constituição e funcionamento de um dispositivo para apresentação do inconsciente (IATO)

1. Os IATOs não têm um contingente fixo, mas são limitados por um número máximo de participantes.

Dez para os adultos e seis para as crianças, é o que tem nos parecido razoável até agora. Não há número mínimo. O atendimento proposto não é um atendimento de grupo (no sentido tradicional em que toma-se o grupo como uma espécie de indivíduo à parte). Ele se baseia no encontro com um analista. Não é preciso, então, que se estabeleça nenhum tipo de “mente grupal” para que haja atendimento. Este tipo de grupalidade não é pré-condição para o tratamento.

2. Eles são unidades lacanianas para o acolhimento de crise. Seus participantes trazem a urgência de um mal-estar a ser colocado em interação, sem que este precise ter se constituído como um sintoma.

Não têm como porta de entrada um sintoma, uma patologia comum a ser compartilhada, mas um problema que carece de identificação. No caso desta experiência, tratam-se das dificuldades constatadas nas escolas atendidas pelo Programa de Criança do CEASM. Os grupos são formados seja pelos alunos, pelos pais, pelos professores ou colaboradores e assistentes sociais do programa - aqueles que estiverem concernidos pela crise em questão.

3. A crise e seu mal-estar tendem a se cristalizar em torno de atividades compartilhadas ou temas comuns de discussão, que serão aqui denominados significantes-mestres (S1).

Uma reunião fixa e duradoura de todos os participantes em torno de um sintoma comum não é necessária. Embora temas compartilhados ou atividades comuns (especialmente no caso das crianças) possam tornar-se prevalentes, coordenadas essenciais, mas não exaustivas da crise, sua função pontual ou ocasional é o bastante. Os S1s poderão ou não serem prévios à formação do grupo.

4. Os S1s compartilhados constituem um grupo, mas não o IATO como dispositivo coletivo. Nele, os S1s, valorizados em sua dimensão pulsional, devem pôr em cena algo espontaneamente impronunciável, aqui chamado *a*.

Uma vez um S1 estabelecido como ponto de reunião, de consistência do grupo, é preciso ainda que seja possível localizar seu ponto de inconsistência, aquilo que o dispersa. Por promover o fim do corpo grupal, ele é impronunciável pelo grupo, o que o aproxima do que Lacan teoriza como o objeto da angústia e que batiza “objeto *a*”.

5. Um IATO tem ao menos um analista que assegura a presença destas funções no grupo, por sustentá-las ao longo do trabalho. O dispositivo só estará constituído quando elas estiverem, a seus olhos, suficientemente localizadas.

Seguindo a leitura lacaniana da teorização de Freud quanto às massas a partir da hipótese do inconsciente, um grupo constitui um coletivo vivo apenas quando tanto o S1 que o institui quanto o objeto que o destitui estiverem presentes. Um grupo só está constituído, como Outro para seus integrantes, quando tanto o sintoma quanto o foco estiverem suficientemente localizados.

6. Um coletivo, assim constituído, favorece falas surpreendentes, com o selo do inconsciente, por surgirem no intervalo entre o discurso consciente (S1) dos participantes e seus segredos (a). Elas serão, aqui, denominadas de efeitos de sujeito.

Eles são definidos pela surpresa com que subvertem as identificações mestres dos participantes assim como o S1 grupal e nomeiam de modo singular o impronunciável do objeto. Estas falas serão recolhidas e retomadas pelos coordenadores do grupo (um ou mais), no sentido de cristalizarem os efeitos de subversão com que Lacan define o conceito de “sujeito“, diretamente articulado ao hiato que o inconsciente constitui no discurso consciente.

7. O trabalho do IATO estará concluído quando for avaliado pelos coordenadores que a função-sujeito, no grupo, prima sobre a cola grupal.

Em outros termos, as falas de sujeito levaram a tais posicionamentos que o S1 de partida já não tem mais a mesma consistência para a maior parte dos integrantes. O sintoma de entrada, que fez o S1 do grupo, se terá pulverizado nos modos como cada um lida com este sintoma e faz dele um uso pessoal. Esta mutação não precisa ocorrer para cada um obrigatoriamente, mas apenas suficientemente nos participantes e em participantes suficientes para subverter o ponto de consistência inicial do grupo. Caso isso não ocorra em seis meses o grupo será dissolvido de “fora para dentro”.

Conclusão

Esboçando muito esquematicamente o percurso esperado dos sujeitos neste dispositivo: parte-se da crise como ponto de encontro com a inconsistência do Outro, em direção à inserção em um grupo (que se constitui como um Outro provisório) para que algo da singularidade de um sintoma seja localizado e permita, assim, que melhor se suporte a inconsistência do Outro. Isso feito, a dissolução será o caminho natural.

Este percurso tenta alinhar-se com a questão: como fazer para que a inconsistência do Outro possa ser suportada sem o recurso ao Pai e sua todização grupal? O sintoma, desde que entendido como Lacan o faz no seminário *Le sinthome* (1975-76), como aquilo que dá estabilidade a um furo, parece ser uma boa perspectiva para o trabalho que ora começa. Basta assimilar *sinthoma* e nó e a seguir, sintoma e furo (*id.*, p. 38). No regime todista essa função é exercida pelo Pai como exceção. No “nãotodismo” pode-se, talvez, prescindir do Pai como figura de líder, desde que se sustente o furo (*id.*, p.94).

O fato de que haja um paralelo entre os tempos do nãotodo generalizado e a psicanálise não passou despercebido (Miller, J. A. 2004). Isso talvez explique porque o sintoma hoje se torna onipresente. A promoção dos grupos monossintomáticos de ajuda mútua é sinal desta onipresença do sintoma como suporte de uma identificação especialmente alienante. Neste caso, talvez o furo do nó esteja recoberto por esta cola grupal. Neste contexto, o analista talvez possa trabalhar em direção ao *sinthoma*, como ponto de conexão paradoxal com o Outro. Trata-se de uma direção de tratamento que responde ao uso atual do sintoma, como grude grupal, com a promoção de seu uso singular (RECALCATI, M. s/d).

Dessa forma, poderíamos propor em lugar da grupalização pelo sintoma, a *singularização sintomática*. Iríamos do sintoma como nome de gozo que promove uma

identificação alienada (“AA”, por exemplo) à marca de um gozo singular e fora do sentido que, no entanto, se articula em significantes. O trabalho a ser feito é o de materializar a marca contingente que sustenta o Outro em seu paradoxo: furo que o estabiliza e resto que o instabiliza, furo que dá paz e resto que angustia, mas que pode liberar o sujeito para reinventar o Outro quando necessário.

No caso deste projeto, talvez trate-se apenas de tomar contato, de modo concreto, com o singular do gozo. Como dizia Freud “ter acesso à experiência do inconsciente” (FREUD, 1913) a partir da singularização dos sintomas como traço de gozo coletivizado que nos chegam. Apostamos que neste trabalho apresentem-se as soluções singulares que permitam a cada um viver no Outro segundo seu estilo singular.

PROPOSIÇÕES DE BASE

Freud:

1. Um grupo se sustenta em uma identificação horizontal com o próximo e outra vertical com o líder (FREUD, 1921, p.145 e 158)
2. O líder da massa freudiana ocupa o lugar do pai morto (FREUD, 1921, p. 156-157 e 161)

Freud com Lacan:

- 3- O pai é um furo (LACAN, 1969-70, p. 90 e 113), donde se conclui que um grupo se sustenta em torno de um furo.
- 4- É preciso que haja alguém para sustentar o furo (LACAN, 1974-75)².
- 5- A estrutura do grupo descrita por Freud é a estrutura do Édipo (MILLER, 2000, p.224-225) .

Lacan:

6. A estrutura edípica condiciona o gozo fálico (LACAN, 1969-70, p. 113).
7. Édipo, Pai e falo são situados como regime de gozo, estruturação subjetiva e social do Todo (LACAN, 1972-73, p.73).
8. Ao Todo se articula o não-todo (LACAN, 1972-73, p. 107 e 139).
9. O não-todo é feminino, psicótico, figuras de um gozo sem corpo (LACAN, 1972-73, p. 98, 100,109 e 111 e VIEIRA, 2004).

Miller

10. O não-todo pode talvez se sustentar constituindo-se seu furo sem passar pelo Pai
11. Ou talvez passando pelo pai, mas prescindindo dele (MILLER, 2005, p.240).
12. O sinthoma coloca-se nesse horizonte em que o nó, como estruturação que articula Todo e não-todo, não necessariamente passa pelo pai. (MILLER, 2002, p.17)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CENSO CEASM – 2000 – www.ceasm.org.br

DI CIACCIA, A. (2005) A prática entre vários. In: MELLO, M. e ALTOÉ, S. (Orgs). *Psicanálise, Clínica e Instituição*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

FREUD, S. (1913a) Totem e tabu. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*, vol XIII. Rio de Janeiro: Imago.

- FREUD, S. (1913b) Sobre o início do tratamento. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*, vol XII. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e a análise do eu. *Standard Brasileira das Obras Completas*, vol XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, J. (1962-63) *Le Seminaire, livre X: L'angoisse*. Paris: Éditions du Seuil, 2004.
- LACAN, J. (1964a) Posição do inconsciente. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1964b) *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1979.
- LACAN, J. (1969-70) *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. (1972-73) *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. (1974-75) *RSI* (inédito)
- LACAN, J. (1975-76) *Le Seminaire, livre XXIII: Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- LAURENT, E. (2000). O que as psicoses ensinam à clínica das neuroses. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 14, abril, p. 176-187.
- LAURENT, E. (2004) A sociedade do sintoma. *Latusa: A política do medo e o dizer do psicanalista*, Rio de Janeiro, EBP-RJ, n. 9, p.9-25.
- MILLER, J.-A. (1996) *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MILLER, J.-A. (1996-97) *El Otro que no existe y sus comités de ética/ con colaboración de Éric Laurent*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- MILLER, J-A. (2000) Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. *Latusa: de onde vêm os analistas*, Rio de Janeiro, EBP-RJ, n.6, p. 217-232, 2001.
- MILLER, J-A. (2001) Psicanálise pura, psicanálise aplicada versus psicoterapia. *Phoenix*, n. 3, setembro de 2001. Publicação da Delegação Paraná da Escola Brasileira de Psicanálise.
- MILLER, J-A. (2002) Intuitions milanaises. *Mental*, Paris, n.12.
- MILLER, J-A. (2004) Uma fantasia. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 42, p. 7-18, fevereiro, 2005.
- MILLER, J-A. (2005) Notice de fil en aiguille. In: *Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil.
- RECALCATI, M. (s/d) *Clínica del vacío: anorexias, dependencias, psicosis*. Madrid: Editorial Síntesis.
- VIEIRA, M. A. “A (hiper)modernidade lacaniana”, *Latusa n. 9*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004, pp. 69-82.

¹ Em Lacan o conceito de Outro teve perspectivas diferentes ao longo de seu ensino. Neste trabalho usaremos a concepção de Outro que permeou todo o percurso lacaniano, ou seja, o Outro como simbólico e, por extensão, como cultura. Para o objeto a cf Vieira, M. A. “Objeto e Nome do Pai” em *Scilicet dos nomes do pai*, AMP, 2005.

² “Il faut que n'importe qui puisse faire exception pour que la fonction de l'exception devienne modèle. Mais la réciproque n'est pas vraie. Il ne faut pas que l'exception traîne chez n'importe qui pour constituer, de ce fait, modèle.” (Lacan, 1974-75, lição de 21/01/1975).